

OS DESAFIOS PARA O ENSINO DE LITERATURA NA ERA DIGITAL

CHALLENGES FOR TEACHING LITERATURE IN THE DIGITAL AGE

Fabiane Dayse Mendes Caetano
(UEG – Universidade Estadual de Goiás)

Débora Cristina Santos Silva
(UEG – Universidade Estadual de Goiás)

RESUMO: O ensino de Literatura na Educação Básica brasileira tem enfrentado desafios devido aos avanços tecnológicos que diminuem o interesse dos estudantes pela leitura tradicional desenvolvida em sala de aula. Isso deixa os professores preocupados e levanta questionamentos sobre as formas de ensino da Literatura e seus efeitos sobre os estudantes. Diante dessas implicações, este artigo propõe-se a discutir e refletir acerca dos desafios que os professores enfrentam para ensinar Literatura na Educação Básica e identificar quais são os maiores obstáculos para desenvolver um ensino que se aproxime do que deveria ser as aulas de Literatura, visando desenvolver nos adolescentes, que estão totalmente imersos no universo digital, o gosto pela leitura. Para isso, o artigo pretende, por meio do método bibliográfico, revisitar leituras e discussões realizadas durante uma disciplina do mestrado, dialogando com estudiosos como Cosson (2014), Frye (2017), Todorov (2009), Zilberman (2010), Calvino (2007), dentre outros. Os resultados sugerem que entre os maiores desafios estão a falta de atenção, o excesso de informações e a quantidade de entretenimento oferecidos pelo ciberespaço, o que de certa forma distancia os alunos da literatura tradicional. Nesse sentido, entende-se que os professores devem buscar estratégias que conciliem o uso dos recursos tecnológicos com explicações e diálogos críticos e reflexivos sobre os temas e livros abordados nas salas de aula. Para isso, é importante que os educadores busquem formação continuada para estarem aptos a adaptarem seus métodos de ensino às necessidades da escola e dos alunos, dentro do contexto da cibercultura.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Tecnologia. Educação. Sociedade.

ABSTRACT: The teaching of Literature in Brazilian Basic Education has faced challenges due to technological advances that diminish students' interest in traditional reading developed in the classroom. This concerns teachers and raises questions about the teaching methods of Literature and their effects on students. In light of these implications, this article aims to discuss and reflect on the challenges that teachers face in teaching Literature in Basic Education and identify the major obstacles to developing an approach to Literature classes that fosters a love for reading in adolescents who are fully immersed in the digital universe. To achieve this, the article intends, through the bibliographic method, to revisit readings and discussions conducted during a master's degree course, engaging with scholars such as Cosson (2014), Frye (2017), Todorov (2009), Zilberman (2010), Calvino (2007), among others. The results suggest that among the greatest challenges are the lack of attention, the excess of information, and the amount of entertainment offered by cyberspace, which somewhat distances students from traditional literature. In this sense, it is understood that teachers should seek strategies that reconcile the use of technological resources with critical and reflective explanations and dialogues on the themes and books covered in the classrooms. For this, it is important for educators to seek continuous training to be able to adapt their teaching methods to the needs of the school and students, within the context of cyberculture.

KEYWORDS: Literature. Technology. Education. Society.

Introdução

A partir das décadas de 80 e 90, os avanços relacionados às tecnologias digitais se tornaram mais significativos, assim, o fluxo de informação e conhecimento aumentou, possibilitando o acesso aos mais variados tipos de conteúdo, o que permitiu o aparecimento de novas formas de comunicação, interatividade e mobilidade. O desenvolvimento da *internet*, assim como a crescente utilização de computadores e dispositivos móveis, facilitou a partilha de informação e a comunicação entre usuários de vários países.

Além disso, graças a tecnologia digital, hoje é possível criar conteúdos digitais de maneira mais rápida e acessível, o que tem permitido o aparecimento de novas formas de comunicação, como o *podcasting* ou o vídeo *on-line*. Estas novas tecnologias também têm uma grande influência na educação, permitindo o acesso aos mais variados conteúdos de forma mais facilitada e oferecendo oportunidades para a criação de novas formas de aprendizagem. No entanto, muitos professores têm demonstrado dificuldades e até mesmo inseguranças ao lidar com tantas possibilidades dentro do vasto ciberespaço. Essas inseguranças podem ser ocasionadas não só pela falta de habilidade em lidar com os aparatos tecnológicos mas também pelos desafios que a cibercultura tem trazido para a educação.

Quando pensamos em educação, sabemos que a Literatura é um dos principais meios para o desenvolvimento de capacidades de leitura e análise crítica, um conhecimento importante para o crescimento intelectual e pessoal de qualquer indivíduo. Contudo, nos dias de hoje, os alunos têm diversas formas de distração e diversão que muitas vezes são mais interessantes do que os clássicos livros literários, porque enquanto o livro impresso está associado à materialidade do papel, o digital é constituído por códigos digitais, que podem ser acessados quase que instantaneamente pela *internet* de qualquer lugar e nos mais variados dispositivos eletrônicos. Podemos perceber que essa facilidade de acesso e aquisição rápida de livros, não está apenas mudando a forma como os livros são elaborados, acessados, armazenados, compartilhados ou vendidos, mas também, a maneira como fazemos nossas leituras.

Não podemos negar os benefícios que os avanços tecnológicos trouxeram para o universo literário, não só pela facilidade e comodidade, mas também pelas experiências de leitura promovidas pelo uso dos mais distintos aparelhos eletrônicos conectados à *internet*. Contudo, nossa preocupação maior está voltada para o leitor, em especial, os adolescentes, que muitas vezes encantados com tantas possibilidades de navegação e interação *online*, deixam de

lado a leitura ou, ficam perdidos diante de tantas opções de livros, plataformas e aplicativos que oferecem as mais diversas opções de gêneros e experiências de leitura.

É dentro deste mundo de possibilidades que o universo literário digital oferece que se encontram os adolescentes. Estes, muitas vezes, sem direcionamento ou até mesmo maturidade para fazer boas escolhas de leituras, escolhas essas que podem colaborar para a formação de um leitor crítico, pois uma Literatura baseada na educação, diálogos produtivos e educativos com o leitor, que o desperte para o mundo de possibilidades e interpretações, abrindo espaço para a diversidade e equidade é essencial para o processo de formação do ser humano. A Literatura não é uma ocupação do espírito, mas um modo de ser e de estar no mundo (Candido, 2002, p. 211).

Contudo, é importante ter em mente que nem todos os livros literários impressos ou digitais podem ser adequados aos jovens durante o processo de formação leitora. Por isso, não basta apenas saber fazer buscas e usar aplicativos de leitura, é importante saber avaliar os conteúdos oferecidos por essas obras e se esses conteúdos estão de acordo com a idade do leitor. É exatamente dentro desse contexto que o professor deve desempenhar um papel essencial, o de mediador e orientador dessas escolhas, sempre verificando se as obras são adequadas para a faixa etária da turma ou do aluno, se trabalham temas relevantes ao cotidiano dos adolescentes e se transmite mensagens que incentivem o desenvolvimento positivo dos mesmos.

Ao analisarmos a importância da leitura na formação da visão de mundo adolescente, é possível perceber que ela exerce grande influência na construção de pontos de vista, opiniões e crenças. Os livros podem fornecer informações sobre como as pessoas devem agir e se comportar em determinadas situações, ao ponto em que uma boa leitura pode ajudar a desenvolver a capacidade de pensar criticamente e de tomar decisões importantes. Contudo, como ressaltado anteriormente, é importante que a Literatura seja feita por meio de livros adequados, que condizem com a capacidade do aluno de extrair e compreender as informações dispostas nas obras.

Nesse sentido, a Literatura digital e suas infinitas opções de leitura podem representar um risco ao hábito e ao interesse de ler dos estudantes, uma vez que é possível encontrar obras que não condizem com os critérios mencionados, desmotivando-os a manterem uma prática constante de leitura. Por mais que a função dos professores nesse cenário seja importantíssima, muitos enfrentam dificuldades em adotarem recursos tecnológicos nas suas aulas, não conseguindo oferecer uma assistência satisfatória aos seus alunos.

É importante destacar que a Literatura é uma das formas mais antigas de expressão artística e cultural da humanidade. Ao longo dos séculos, ela evoluiu e se transformou, acompanhando as mudanças sociais, políticas e tecnológicas que ocorreram em cada época. Por isso, neste estudo, vamos discutir as percepções atuais sobre essa evolução, bem como a sua aplicação nos sistemas de ensino contemporâneos.

1. Percepções sobre a transformação da Literatura e seu lugar nos sistemas atuais de ensino

Em sala de aula, na maioria das vezes, o professor de Literatura não pode se limitar ao ensino, como exigem as diretrizes oficiais, gênero e registro, forma de significação e efeito do argumento, metáfora e metonímia, foco interno e externo, etc., pois ele deve estudar as obras (Todorov, 2009). No entanto, revela o autor, as questões com que os alunos se deparam nos exames são na maioria dos casos apenas de um tipo. Referem-se à função de um elemento do livro em relação à sua estrutura global, ignorando o significado desse elemento e o significado do livro como um todo em relação ao seu tempo, ou ao nosso tempo. Os estudantes serão questionados sobre o papel de tal personagem, tal enredo e um certo detalhe na busca do objetivo do personagem, mas não perguntarão sobre o verdadeiro significado dessa busca (Todorov, 2009).

O perigo que Todorov (2009) menciona em sua obra "*A Literatura em Perigo*", não é a escassez de bons poetas ou ficcionistas, nem o esgotamento da produção ou produção poética, mas a forma como a Literatura é disponibilizada aos jovens desde o ensino fundamental até a universidade: o perigo é o fato de que, por uma estranha inversão, os alunos encontram a Literatura não lendo o texto literário em si, mas por meio de alguma forma de crítica, teoria ou história literária, ou seja, sua exposição à Literatura é mediada por 'disciplinas' e formas institucionais (Todorov, 2009). Segundo o autor, para o jovem, a Literatura era mais uma matéria escolar para aprender a prestações do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens e as paixões.

Segundo Silva e Araújo (2016) existem diversas razões para justificar a escolha de um clássico da Literatura brasileira a ser trabalhado com os estudantes. A primeira razão é de ordem humanista e refere-se à importância de os alunos conhecerem e compreenderem as obras que fazem parte da cultura e do patrimônio artístico nacional. A segunda razão é de caráter

pragmático e diz respeito à necessidade de atender às indicações de leitura do programa da escola para o Ensino Médio.

Além disso, há uma terceira razão para a escolha, que se refere à dificuldade de leitura que os estudantes geralmente têm com esse tipo de obra, devido à linguagem arcaica, ao vocabulário culto e desconhecido, à organização da obra e à temática distante do contexto de recepção. Como solução para esses problemas, alguns professores optam por adaptações do texto, o que pode aprofundar ainda mais a distância entre o leitor e o texto original.

Todorov (2009) também afirma que as razões para isso são muitas, envolvem bastantes complexidades, e têm a ver com as transformações sofridas na própria escrita da poesia (e dos outros textos literários) e no processo de tornar a Literatura uma disciplina científica capaz de se converter em um currículo universitário.

Mesmo assim, o fato de virem de extremos opostos constitui uma distinção importante entre as duas (Frye, 2017). Para Frye, a ciência, à medida que avança, aprende cada vez mais sobre o mundo, evoluindo e se aprimorando. Como exemplo, ele menciona o fato de os físicos contemporâneos saberem mais sobre física do que Newton, mesmo que estes não sejam cientistas tão brilhantes. A Literatura, por outro lado, parte de modelos possíveis de experiência, o que produz o chamado modelo clássico de Literatura. Nesse sentido, explica Frye (2017), a Literatura não evolui, não melhora, não progride. Talvez os futuros dramaturgos escrevam uma peça tão boa quanto *Rei Lear*, mas a arte teatral como um todo nunca superará *Rei Lear* que ocupa o topo da lista, tal como *O Édipo Rei*, produzido há mais de dois mil anos. Ambos continuarão a ser como importantes referências, modelos da Literatura enquanto os humanos existirem (Frye, 2017).

As condições sociais podem ser melhoradas: para a maioria das pessoas, a celebração da democracia de Whitman faz mais sentido do que *O Inferno de Dante*. No entanto, isso não significa que Whitman fosse um poeta melhor que Dante, o que reforça por sua vez o fato de que a Literatura não atende a esse critério de progresso (Frye, 2017). O autor ainda menciona que à medida que a civilização se desenvolvia, as pessoas passavam a se preocupar cada vez mais com a vida humana e a Literatura, por sua vez, refletiu essa mudança: à medida que a civilização avançava, a Literatura tendia a abordar cada vez mais conflitos puramente humanos e seus problemas. É notável que nos novos textos, os deuses e heróis da mitologia antiga deixaram de existir para dar lugar a personagens semelhantes a nós.

Contudo, para a Literatura, é preciso estar atento aos artifícios retóricos de um autor, ao

seu imaginário e símbolos, para perceber que, por baixo de todas as complexidades da vida humana, ainda assombra um olhar inquieto sobre a natureza exótica, que a sociedade ainda não pôde superar (Frye, 2017). Acima de tudo, disse Frye (2017), é preciso prestar atenção ao conjunto de uma obra literária, ao seu título, ao seu assunto, ao objetivo do autor, para ver como a Literatura ainda desempenha as mesmas funções que pertenciam à mitologia no passado.

Pinheiro (2011) destaca estar ciente de que, quando a Literatura e seu ensino são colocados em pauta, é preciso defender seu espaço na prática escolar e garantir sua importância para a formação de totalidades cívicas. Observando as experiências de professores em programas de formação continuada, a autora percebe que, no ambiente escolar, a prática pedagógica de ensinar Literatura contribui para um processo que vai muito além de formar leitores e atua na formação humana como um todo.

Entretanto, muitas práticas escolares priorizam fragmentos literários em vez de livros e, dessa forma, os fragmentos de Literatura apresentados no livro didático levam o livro para fora da escola, impedindo a aproximação da obra e autor, da sociedade e do mundo que ela representa, economia e cultura. Além disso, o livro concorre atualmente com a mídia e a tecnologia no campo da informática, que alguns pesquisadores consideram o “vilão” na formação de leitores literários (Pinheiro 2011).

Um aspecto fundamental da alfabetização identificado por Magda Soares: “ler um texto (...) é instaurar uma situação discursiva” (Soares, 2006 p. 9 *apud* Pinheiro, 2011, p.39). Para Pinheiro, a afirmação leva os educadores a repensar os exercícios de leitura e escrita planejados para as salas de aula: é necessário ensinar a ler e a escrever a partir de uma situação comunicativa autêntica, em que o ouvinte ou leitor, ou ainda o locutor ou escritor aborda um tema comum, permitindo-lhe ler nas entrelinhas da mensagem, é igualmente importante que as práticas escolares superem a escola letramento, e dialoguem com as práticas discursivas que impulsionam as práticas sociais dos alunos.

Para Barroco (2004), os professores devem ter formação específica para o ensino da leitura, pois só dessa forma conhecerão a importância do ato de ler e de como lecioná-lo, corrigindo algumas das suas práticas. Um caminho para mudar essa realidade está proposto por Silva (2010): a escola, através da leitura literária, pode proporcionar a educação do leitor com o fito de dilatar suas limitações culturais e sociais, por meio da liberdade criativa e crítica potencializada pela escola e associada às suas próprias experiências.

No contexto educacional brasileiro, Zilberman (2008) identificou uma crise no ensino

de Literatura, que ocorre por conta de que este perdeu a eficácia pedagógica pretendida pela classe burguesa, em decorrência do projeto educacional elaborado nas últimas décadas do século XX, o qual pensava a escola como instituição formadora de mão de obra para abastecer novos postos de trabalho decorrentes do processo de industrialização. Por outro lado, Costa (2012) entende que é no Ensino Secundário (equivalente ao Ensino Médio no Brasil) que a Literatura deveria assumir um estatuto privilegiado proveniente não só da leitura de textos literários, mas da aquisição de metalinguagens, convenções e dimensões que a caracterizam

De acordo com Vieira (2008), a formação de alunos leitores é um dos principais objetivos do ensino médio, e o contato intenso com textos literários contribui para que se alcance esse objetivo. Melo (2011), por sua vez, afirma que a preparação do aluno para a apreciação do objeto estético deveria se tornar um dos principais objetivos dos professores de qualquer nível de ensino que trabalham o texto literário na sala de aula.

Entretanto, o ensino de Literatura no Brasil tem se efetivado por caminhos um tanto diferentes, segundo alguns estudos. Leahy-Dios (2004), semelhante à crítica de Todorov (2009), condena esse ensino, identificando sua ligação direta com os conteúdos exigidos nos exames vestibulares, o que o reduz ao estudo de datas, nomes de obras e autores e suas características.

Por sua vez, Zilberman (2010) entende que este determina a perspectiva a partir da qual é estudada a Literatura no ensino médio, privilegiando o ponto de vista histórico e bibliográfico, enfatizando o estudo da Literatura brasileira e abandonando gradualmente o estudo da Literatura portuguesa, uma vez que essa tem sido menos assídua nos exames.

De maneira mais contundente, Cosson (2014) aprofunda a concepção de “crise” posta por Zilberman (2008) e enuncia a “falência” do ensino da Literatura, ao abordar alguns equívocos desse ensino, dentre os quais a ênfase e quase exclusividade dadas ao ensino da história da Literatura, deixando em segundo plano a leitura e análise das obras literárias.

Seja em nome da liberdade, da ordem, ou do prazer, é fato que a Literatura não é ensinada para garantir a função essencial de construir e recriar as palavras que nos humanizam. Em primeiro lugar, carece de objetos de ensino específicos. Quem se apegue a um curso de história literária precisa superar o conceito de ensino de conteúdo para entender que o que pode ser levado aos alunos além do conhecimento literário é uma experiência de leitura compartilhável (Cosson, 2014).

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não só porque cria o hábito de ler ou porque é prazeroso, mas sim, porque nos proporciona outros tipos de leitura.

uma ferramenta essencial para compreender e expressar com proficiência as línguas do mundo (Cosson, 2014). No que diz respeito à leitura de clássicos literários, Calvino (2007) observa que os ler na idade adulta oferece um prazer notável, mas ao contrário da juventude, onde o ato de ler assume um sabor e importância especiais.

Nesse sentido, vale a pena retomar o pensamento de Paulino (2004), que, ao discutir o problema da Literatura clássica escolar, admite que inicialmente podem ser utilizados textos voltados para os leitores mais jovens, para desenvolver sua capacidade de ler de forma mais profunda e crítica.

De acordo com Abreu (2017), a relação entre a crítica literária e o ensino de Literatura pode ser examinada por meio de três exemplos distintos. O primeiro exemplo é o crítico brasileiro de maior destaque na sociedade, Antonio Candido, que realizou uma análise significativa dos chamados "momentos decisivos" da Literatura brasileira em sua obra "Formação da Literatura brasileira". Em seguida, discutiu o problema da representação literária partindo da "consciência do subdesenvolvimento" e das tendências particularistas e universalistas, utilizando metáforas orgânicas que vinculavam a Literatura brasileira às europeias.

Um segundo exemplo mencionado pela autora, é o de Flora Sússekind, que, em "Tal Brasil, qual romance", discute a presença constante da estética naturalista na literatura brasileira, lançando luz sobre o tema da representação em nossa Literatura e crítica. Nessa estética, há uma equiparação entre ler e ver o texto que se afirmava como assimilação do real. Por último, o discurso crítico marxista de Roberto Schwarz, que, explorando o deslocamento das ideias e a importação das formas, busca rever os conceitos de nacionalidade e dependência cultural, principalmente quando problematiza o narrador machadiano em "Um mestre na periferia do capitalismo". Abreu (2017) defende que esses exemplos demonstram como a crítica literária e o ensino de Literatura podem ser interligados, uma vez que a análise crítica de obras literárias pode contribuir para uma melhor compreensão da disciplina como um todo e para a sua inserção em contextos mais amplos, como a sociedade e a cultura.

De acordo com Abreu (2017), a crítica literária tem um papel importante no ensino de da arte literária, mesmo que os críticos discordem entre si ou forneçam orientações antagônicas. Esses críticos fornecem marcas de reflexão intelectual sobre os modos de leitura e abrem caminhos para outras orientações. Eles nos permitem apreender um tempo histórico-literário e refletir de forma sistemática sobre obras e autores específicos, que são assimiladas e difundidas

pelo ensino da Literatura em diferentes graus. Ao examinar o leitor e a leitura na contemporaneidade, observa-se a situação da crítica literária atual, que é caracterizada por uma época de recusa da totalidade, da continuidade histórica e da homogeneidade. Apesar disso, a escola continua a ocupar um lugar central na agitação cultural dos nossos dias.

Críticos literários como Antonio Candido, Flora Sússekind e Roberto Schwarz oferecem formas de apreensão da Literatura e de reflexões sobre ela que são assimiladas e difundidas pelo ensino. Esses críticos, mesmo que tenham direções e orientações diferentes, contribuem para o desenvolvimento da crítica literária e para a formação de novas abordagens e perspectivas, permitindo novos caminhos para outras orientações, mesmo que essas sejam antagônicas. Ao examinar a crítica literária atual, percebe-se que a recusa da totalidade, da continuidade histórica e da homogeneidade é uma característica marcante desse período. No entanto, apesar dessas mudanças, a escola continua a desempenhar um papel fundamental na formação do leitor e na difusão da Literatura.

Nesse sentido, para compreender como deveria ser a metodologia dos professores, Frye (2017) aborda a diferença fundamental entre a Literatura e outros tipos de escrita, destacando que enquanto a escrita prática visa transmitir informações com intenção e vontade, na Literatura a intenção do autor é criar uma composição de palavras que se encaixem harmoniosamente. Assim, o que importa na Literatura não é tanto o que o autor pretende dizer, mas sim o que as palavras em si transmitem quando organizadas de uma determinada forma.

Nesse contexto, os educadores podem extrair uma abordagem pedagógica valiosa. Ao internalizar a distinção delineada por Frye (2017), os professores podem direcionar seu foco não apenas para o significado superficial do texto literário, mas também para a maneira pela qual as palavras são arranjadas e entrelaçadas. Isso implica que a análise não se restrinja somente à interpretação do conteúdo, mas se estende à apreciação das nuances linguísticas e estilísticas que conferem à obra sua identidade única.

Assim, ao instruir os alunos, os educadores podem orientá-los a explorar não apenas o que está sendo dito, mas como é dito, cultivando uma compreensão mais profunda da arte literária e incentivando a sensibilidade à forma, estrutura e expressão. Dessa forma, a metodologia educacional pode transcender a mera transmissão de informações e contribuir para a formação de leitores mais perspicazes e críticos.

2. A Literatura na era da informática: desafios e possibilidades

Perante uma sociedade tão tecnológica, com grandes descobertas científicas, os jovens podem utilizar a *internet* desde muito pequenos, jogar, ouvir música, conhecer pessoas e lugares e assistir filmes. Por que insistir na Literatura e em seus livros? Por que nossos alunos (e nós) deveríamos escolher a Literatura para diversão, conhecimento e formação subjetiva e social? (Pinheiro, 2009). Para responder tais perguntas, a autora menciona Roland Barthes, a qual descreve a primeira justificativa para a permanência ou implantação da leitura literária: "Se, por não conhecer os excessos do socialismo ou da barbárie, todos os nossos súditos fossem expulsos do ensino, exceto Um, que é a Literatura que deve ser preservada, pois toda ciência existe em monumentos literários" (Barthes, 1980, p. 6 *apud* Pinheiro, 2009, p.3).

OS livros de Literatura são um material essencial para os alunos na fase escolar, conforme apontado por Pires e Matsuda (2013), mas a maioria das escolas dificilmente incentiva a prática da leitura, pois quando são realizadas atividades de leitura, exige-se que os alunos leiam, raramente por prazer. Para incentivar a leitura com sucesso, os professores precisariam de materiais adequados, além de profissionais capacitados, para auxiliá-los em sala de aula.

Dentro desse viés, é perceptível que educar para a comunicação influenciada pela tecnologia ou para a alfabetização tecnológica parece ser o desafio atual dos educadores do século XXI. Entre as muitas novas competências exigidas por uma sociedade centrada na comunicação, há uma nova forma de leitura consolidada pelo uso da *internet* que exige reflexão hoje (Melão, 2010).

As razões que regem a centralidade dessa educação influenciada pela tecnologia são muitas e repletas de algumas complexidades. Em primeiro lugar, Melão (2010) menciona ser importante não esquecer que a informação acumulada pelo ser humano ao longo de milênios tem crescido a um ritmo lento, quase imperceptível, enquanto hoje a sociedade assiste à uma verdadeira "explosão" de informações que tem implicações na forma como controlamos a comunicação. Em segundo lugar, a autora explica que, esse grande fenômeno chamado de globalização aproxima as pessoas de maneiras que seriam inimagináveis até alguns anos atrás.

No entanto, essa explosão de informações e transformações ocasionadas pela tecnologias digitais, na maioria das vezes, não são assimiladas tão rapidamente por todos os educadores, além de seu impacto sobre os usuários como um todo. O uso de tecnologias de computação na educação mostra que os educadores enfrentam dificuldades e conflitos

adicionais (Abreu; Nicolaci-Da-Costa, 2003). Os resultados da pesquisa realizada pelas autoras sugerem que esses problemas podem ser tanto externos - como, por exemplo, aqueles relacionados ao domínio de novas tecnologias e as pressões sobre os educadores para adotá-las-, quanto internos, - como os casos relacionados à redefinição do seu próprio papel como educadores.

Algumas das outras dificuldades apontadas pela pesquisa de Abreu e Nicolaci-Da-Costa (2003) mostram que os professores se sentem intimidados quando entram em contato com os computadores, por sentirem que precisam de, pelo menos, o domínio da tecnologia para introduzir o uso desses instrumentos nas atividades de ensino. Outro ponto diz respeito a variedade de produtos educacionais que são constantemente lançados na *internet* e exigem aprimoramentos contínuos na formação docente. Além disso, as autoras demonstram o desconforto dos professores com alunos que possuem experiência com recursos e do fato de as atividades realizadas em laboratórios de informática chamarem a atenção de muitos alunos e serem consideradas mais empolgantes do que as realizadas em sala de aula.

Dentro desse contexto, um estudo sobre a aplicação das competências de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) em contexto educacional revelou que o eficaz uso de produtos digitais na educação está sujeito a múltiplos fatores, sendo um deles a preparação adequada dos professores para incorporá-los de maneira efetiva nas atividades escolares. Além disso, o estudo constatou que a eficácia da utilização das TDIC ainda é limitada devido à formação inicial dos professores, que não aborda adequadamente a exploração das potencialidades pedagógicas das tecnologias de aprendizagem. Isso é agravado pelas ações de capacitação frequentemente breves e superficiais, focadas principalmente em aspectos técnicos, sem abordar de forma satisfatória as questões específicas relacionadas à integração de abordagens tecnológicas em currículos educacionais (Rodrigues, 2014).

Para Silva (2011), o advento da tecnologia da informação produziu o que se chama de “tecnofobia” que, em alguns casos, revela os problemas e dificuldades associados às novas tecnologias que existem e são necessárias hoje. Como explica o autor, a resposta mais comum dos “tecnofóbicos” à incapacidade de operar com a tecnologia é minimizar a importância do uso da tecnologia. Em resposta à sua própria incompetência, algumas pessoas tendem a menosprezar as habilidades que não possuem.

Lima (2010) afirma que, em certos casos, a aversão à tecnologia pode ser indicativa de problemas como baixa autoestima e dificuldades de relacionamento, que se tornam evidentes

quando a tecnologia é necessária. Geralmente, pessoas que são "tecnofóbicas", e não conseguem lidar com a tecnologia tendem a minimizar a importância do seu uso. Isso ocorre porque elas se sentem incapazes de operar as ferramentas tecnológicas e, para lidar com sua própria inabilidade, tendem a diminuir a importância do uso da tecnologia.

Efetivamente, na década de 1980, as novas tecnologias pairavam sobre a mente da maioria das pessoas como ferramentas mágicas. Hoje, o aparentemente milagroso tornou-se uma realidade. Os avanços na tecnologia digital criaram computadores, telefones celulares, *e-mail*, *internet* e outras ferramentas de fácil acesso, tornando-os ferramentas indispensáveis na vida diária da maioria das pessoas (Silva, 2011) e recursos importantes dentro do sistema educacional. Contudo, nem todos os profissionais da educação foram preparados de forma efetiva para lidar com todas essas mudanças, que no atual contexto social, são essenciais para o desenvolvimento humano como um todo.

Segundo as autoras Machado, Leite e Monteiro (2019), a Comissão Europeia acredita que é essencial aproveitar o potencial das tecnologias digitais para inovar as práticas de educação e formação, melhorar as oportunidades de aprendizagem ao longo da vida e responder ao surgimento de novas competências exigidas tanto pelo mercado de trabalho, quanto pela sociedade de forma geral. Tais competências, referindo-se à resolução do Conselho da Europa sobre a atualização da agenda educacional, são consideradas essenciais para a aprendizagem ao longo da vida e a falta destas pode levar à persistência de desigualdades.

Para compreender o impacto desses avanços na Literatura, é elucidativo considerar as observações de Kirchof (2016). Ele ressalta, em primeiro lugar, que a emergência do ciberespaço como ambiente principal para textos digitais tem desencadeado considerável liberdade na criação e disseminação de obras literárias. Esse fenômeno deriva, em grande parte, da ausência predominante de regulamentações ou supervisões editoriais na publicação de trabalhos em *blogs* e *websites*, o que resulta frequentemente em custos mínimos. Ao contrário da esfera editorial tradicional, que é governada por uma complexa rede de atores e mecanismos de controle - incluindo editores, críticos literários, segmentos de público-alvo e análises de viabilidade econômica, entre outros -, o ciberespaço oferece a qualquer autor interessado a oportunidade de compartilhar suas criações através de *blogs* pessoais ou plataformas especializadas.

Nas discussões acadêmicas, embora essa liberdade aparentemente ilimitada de produzir e distribuir Literatura na *internet* seja celebrada como uma revolução democratizante na

produção e leitura literária no novo milênio, ela também pode ser responsabilizada pelo chamado "desaparecimento do livro impresso", com um declínio correspondente na cultura literária tradicional (Kirchof, 2016).

Silva (2020) comenta que, na atualidade, o conceito de Literatura é constantemente debatido devido à abundância de formatos, arquétipos e estilos no ciberespaço. Nesse sentido, alguns conceitos são destacados pela autora, tais como: Literatura gerada por computador, Literatura informacional, Literatura algorítmica, Literatura potencial, Literatura em rede, Literatura generativa, metaficção, texto virtual, geração automática de texto, poesia animação por computador, poesia multimídia.

Ainda conforme a referida autora, as escolas parecem ainda estar “desligadas” do mundo dinâmico das tecnologias digitais, que fascinam os jovens e desafiam os educadores a (re)planejar as práticas pedagógicas. Os alunos vagam no turbilhão digital do ciberespaço, copiando, colando, fazendo pesquisas superficiais, lendo resumos de obras literárias sem muita motivação para ler clássicos na íntegra, recorrendo a adaptações, coletando frases de autores duvidosos publicadas na *internet*, imaginando estarem lendo autores de renome como Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Fernando Pessoa, etc., o que resulta na perda desses indivíduos num “mar” de vídeos, redes, hipertextos e informações (Silva, 2020).

Além disso, Silva (2020) descreve que os caminhos e desvios de alunos que não encontraram conselhos de educação literária escolar na era digital não têm um propósito claro, e muitos menos controle no ciberespaço, isso porque, quando o professor de Literatura tenta chamar a atenção dos alunos em sala de aula, os alunos navegam nas redes sociais, tiram fotos, vídeos, *selfies*, enviam mensagens de texto com celulares, jogam, enfim, usam a tecnologia em sala de aula sem intenções educativas

O advento das novas Tecnologias de Informação proporciona uma notável ferramenta que permite um maior desempenho na organização, gestão e comunicação da informação, bem como na criação de linguagem e arte. A Literatura é uma atividade humana que trabalha com a linguagem e a experiência e não se exclui desses meios (Silva, 2011). Para o autor, a sociedade precisa repensar seu conceito acerca dessa disciplina e explorar a possibilidade de diferenciar entre literatura digital e não digital, reconhecendo que ambas integram a Literatura.

No entanto, de acordo com Silva (2020), é essencial ampliar a compreensão da Literatura como uma forma de arte nos ambientes educacionais. O autor enfatiza a importância de as escolas reconsiderarem a visão da Literatura como uma expressão linguística de beleza.

É evidente que a persistência do estigma literário nas instituições educacionais, bem como sua disseminação em materiais didáticos, influencia diretamente na maneira como as pessoas encaram os limites e as perspectivas da leitura literária (Silva, 2020).

Segundo a autora, os livros didáticos de Literatura revelam antecedentes sobre a criação e publicação de obras literárias, informações biográficas sobre os autores e o movimento literário no qual a obra se insere, mas não expõem o leitor ao texto. No entanto, de acordo Silva (2020), os livros didáticos apenas analisam fragmentos de obras literárias individuais, indicam a linguagem e os dispositivos gramaticais usados na construção de textos literários, mas não fornecem aos leitores uma experiência estética de leitura literária.

Todorov (2009) acredita que os estudos literários estão mais próximos dos modelos históricos do que da física, que o estudo da Literatura pode levar ao conhecimento de "objetos externos" ao invés de buscar os mistérios da disciplina. O autor descreve alguns dos motivos dessa afirmação, pontuando a dificuldade dos estudiosos da Literatura em criar um consenso comum sobre o que deveria ser o núcleo de sua disciplina. Críticos e teóricos literários atuais discordam sobre o "registro" primário ou mesmo sobre a necessidade de introduzir esse conceito em seu campo de estudo, o que é caracterizado por Todorov como um abuso de poder.

Entretanto, apesar das dificuldades enfrentadas pelo cenário cultural atual, Franco (2013) entende que a Literatura tem conseguido se manter viva e ativa. O autor comenta que um dos fatores para essa sobrevivência, é o baixo custo de produção, uma vez que, caso a produção literária demandasse altos custos, ela possivelmente não teria sobrevivido até hoje, mas isso não é o caso, já que a impressão de livros ainda é relativamente barata, se comparada com outras formas de arte.

Segundo Franco (2013), a Literatura da modernidade não é mais valorizada e não é lida. O autor acredita que o público em geral esqueceu as experiências literárias e artísticas das vanguardas do início do século XX e que o consumo de obras literárias tem se limitado às obras clássicas, principalmente do século XIX, e como consequência, o mercado cultural geralmente prefere investir em autores e compositores já consagrados. No entanto, Franco (2013), aponta indícios de que a Literatura ainda pode sobreviver por meio de obras que exploram a busca por uma identidade regional e por uma facilitação da aproximação cultural entre países, o que tem despertado interesse em públicos de países vizinhos, como o público brasileiro que se interessa pelas obras literárias argentinas e vice-versa. Dessa forma, a Literatura consegue romper com a monotonia cultural imposta pela televisão, pelo cinema americano e por outros meios

tecnológicos que tendem a difundir um único cenário repetitivo e sem novidades.

Franco (2013) sugere que a falta de interesse do público leitor, especialmente dos jovens, é uma das razões para as dificuldades enfrentadas pela Literatura atualmente. No entanto, o mesmo autor também considera que essa visão pode ser interpretada sociologicamente como um lamento dos críticos e escritores pela suposta crise que a Literatura está passando. Além disso, o tema da "morte da Literatura " pode ser visto como uma reclamação nostálgica dos componentes do universo literário, como críticos e editores, que perderam prestígio e influência social (Franco, 2013).

De fato, é possível concordar com Franco (2013) quando ele afirmar que a Literatura e seu universo perderam prestígio e influência com o surgimento de novas formas de expressão tecnológica, especialmente aquelas que utilizam imagem e som. No entanto, ao olharmos para a história, é interessante lembrar como os pintores lidaram com a invenção da fotografia, que abalou o sistema social do mundo artístico e forçou os artistas a criar outra linguagem plástica, implicando em uma alteração profunda na relação entre pintura e realidade (Franco, 2013). Essa crise, vivida pela pintura, foi a raiz da arte moderna e a impulsionou para a abstração, um terreno onde a imagem técnica da fotografia e do cinema nascente não poderia penetrar.

Portanto, se levarmos em conta essa analogia, podemos entender que a disseminação, o alcance comunicativo e o prestígio social dos meios tecnológicos audiovisuais podem colocar desafios e dificuldades originais para a experiência literária, forçando-a a criar novas formas narrativas e desenvolver novos temas, mesmo que estes possam parecer mais abstratos (Franco, 2013).

Kirchof (2016) observa que a partir dos anos 2000, alguns autores começaram a questionar a crença previamente difundida por acadêmicos de que a leitura de textos digitais em hipertexto e hipermídia poderia melhorar nossas habilidades cognitivas. No entanto, esses autores argumentam que tais práticas, contrariamente ao que se pensava, estão prejudicando nossa capacidade de atenção e reflexão profunda sobre um mesmo assunto. Para sustentar essa visão, Kirchof faz referência a vários estudiosos, incluindo o filósofo francês Bernard Stiegler e o neurobiólogo alemão Martin Spitzer. Eles afirmam que a crescente prevalência de tecnologias psicotécnicas modernas, como *videogames*, arquivos de MP3 e plataformas como o *Facebook*, que promovem uma mudança da atenção profunda para a hiperatenção, resulta em uma atenção desprovida de reflexão. Em resumo, o excesso de estímulos fragmentados e rápidos, inerentes às mídias digitais, estaria comprometendo a habilidade humana de manter o

foco em um único tópico e de refletir de maneira profunda e significativa sobre esses estímulos.

Nesse sentido, as autoras Silva e Araújo (2016) afirmam que o novo cenário tecnológico demanda novas formas de interação entre os usuários, bem como com o texto literário, o que caracteriza o letramento digital e traz mudanças significativas em termos sociais, cognitivos e discursivos. Elas também apontam que a tela, como novo espaço de escrita, é responsável por essas transformações, e que as novas práticas sociais de leitura e escrita viabilizadas pelas tecnologias eletrônicas possibilitam uma oportunidade única para avaliar se as práticas de leitura e escrita em ambientes digitais diferem daquelas realizadas na cultura do papel.

De acordo com Silva e Araújo (2016), em um ambiente de aprendizado cada vez mais tecnológico, é essencial que os professores sejam capazes de utilizar as ferramentas disponíveis para facilitar a produção de conhecimento por parte dos alunos. Para isso, é necessário que os professores sejam capazes de integrar as tecnologias digitais em sua prática educativa, reinventando suas abordagens de ensino e aprendizagem para aproveitar as diferentes linguagens e recursos que essas tecnologias oferecem.

Além disso, as autoras acreditam que é importante que o ensino da Literatura esteja voltado para a formação do leitor, permitindo uma interação real através da experiência literária proporcionada pela leitura do texto. Essa abordagem pode ser atraente para o estudante, despertando a curiosidade e o interesse em conhecer e ler as obras literárias, além de cumprir a sua função social ao ajudá-lo a compreender a si próprio, sua comunidade e o mundo em que vive, desenvolvendo o senso crítico e aprimorando a formação ética do indivíduo.

Segundo Melão (2010), embora as novas tecnologias de informação e comunicação ofereçam inúmeras possibilidades, há também desafios e limitações a serem considerados, tanto para professores quanto para alunos. A autora aponta que os docentes enfrentam dificuldades para incorporar plenamente a tecnologia em suas práticas de ensino, além de enfrentarem a necessidade de formação adequada para seu uso.

Já para os alunos, Melão (2010) destaca o risco do não engajamento em leituras aprofundadas, a redução do consumo da cultura literária e a produção acrítica de conteúdos em *blogs*, o que não favorece a comunicação autêntica nem o desenvolvimento aprofundado de ideias. Ela alerta para a necessidade de garantir que as tecnologias sejam usadas de maneira apropriada e benéfica para a educação, a fim de evitar consequências negativas para o processo de ensino-aprendizagem. A autora também ressalta que é preciso encontrar um equilíbrio entre o uso das tecnologias e a promoção do pensamento crítico e reflexivo.

É importante destacar que, apesar das vantagens inerentes ao uso das novas tecnologias de informação e comunicação, é fundamental que haja uma renovação da partilha de conhecimento e uma consolidação das competências que promovam a efetividade do processo de ensino e aprendizagem. No que se refere às práticas de leitura, essa abordagem possibilitará uma aproximação confiante e motivadora à leitura, evitando a dispersão entre as inúmeras opções oferecidas pela *internet* (Melão, 2010). Assim, a incorporação das novas tecnologias no processo de ensino/aprendizagem pode ser orientada por uma perspectiva crítica, que valorize a leitura reflexiva e a produção de conhecimento significativo.

Para Gal *et al.* (2021), a tecnologia pode ser uma aliada para complementar o conteúdo abordado em sala de aula, proporcionando aos alunos uma experiência significativa e proveitosa por meio do uso de computadores, *tablets* ou celulares. No entanto, os professores muitas vezes precisam aprender por conta própria como utilizar essas tecnologias de forma eficaz, com o objetivo de encantar seus alunos com aulas mais instigantes. A utilização desses recursos digitais permite que o assunto seja ampliado para outros campos do conhecimento, fomentando a interdisciplinaridade tão desejada pelos educadores para tornar o ensino mais dinâmico.

De acordo com Silva (2015), é fundamental estabelecer uma conexão entre o estudo da Literatura e a realidade dos alunos na era da cibercultura e cultura digital. A autora sugere a ideia de trazer para o presente, relatos antigos sobre a natureza literária da vida através das atividades cotidianas, que incluem o uso das tecnologias digitais móveis. Segundo Silva (2015), essas tecnologias deveriam ser incorporadas em uma perspectiva que ultrapasse os limites utilitaristas de uso e acesso meramente operacional às máquinas, e que estimulem a constituição de cultura.

A partir dessas considerações, Silva (2015) argumenta que é crucial desenvolver uma abordagem para compreender melhor o conceito de letramento e os processos que o envolvem, bem como sua evolução. A autora acredita que o uso de tecnologias digitais pode contribuir para a formação de leitores e escritores competentes e críticos, desde que sejam exploradas de maneira adequada, respeitando-se as particularidades de cada indivíduo e contexto.

3. Conclusão

Com a expansão das tecnologias digitais, a Literatura tem enfrentado diversas dificuldades na Era Digital. Uma delas é a concorrência com outras formas de entretenimento

que exigem menos esforço cognitivo, como jogos eletrônicos e aplicativos de mídias sociais. Além disso, a cultura do imediatismo, em que tudo precisa ser rápido e fácil, tem afetado a leitura de obras mais complexas, que demandam um esforço maior por parte do leitor.

Outra questão é a forma como a informação é transmitida na era digital. Com a quantidade de informação disponível na *internet*, muitas vezes é difícil filtrar o que é relevante e o que não é. Isso pode levar a uma superficialidade na leitura e compreensão das obras literárias, já que muitas vezes elas são lidas em meio a outras informações que competem por atenção. Ademais, a forma como a Literatura é distribuída e consumida também mudou com a essa nova era.

Os *e-books* e a leitura em dispositivos móveis se tornaram mais populares, o que pode levar a uma sensação de "impessoalidade" na leitura, já que muitas vezes não há o contato físico com o livro, além de que o excesso de informações disponíveis na *internet* pode levar a uma leitura mais superficial e fragmentada, o que pode prejudicar a compreensão e a apreciação da Literatura. A falta de habilidades de leitura crítica também pode ser um obstáculo para os leitores mais jovens. Por fim, a digitalização das obras literárias e a disseminação *on-line* de conteúdos têm gerado novos desafios legais e de direitos autorais.

Evidenciadas tantas dificuldades, nota-se a importância da preparação adequada de professores que desejam fazer o uso correto e eficaz desses instrumentos. Entretanto, muitos impasses como a falta de infraestrutura das instituições de ensino, os pré-conceitos negativos, medos e inseguranças sobre esses recursos, são alguns fatores que dificultam essa inserção no ambiente escolar.

Nesse sentido, percebe-se que a realidade dos professores de Literatura mediante as novas mudanças apresenta aspectos desafiadores ao buscar conciliar as tecnologias digitais com o ensinamento de uma disciplina que exige atenção, reflexão e interpretações profundas. Nesse sentido, o objetivo deste artigo buscou compreender os desafios para esses docentes nessa nova era tecnológica.

Ao final das análises bibliográficas, constatou-se que o uso de recursos tecnológicos é um tema bastante discutido no mundo acadêmico, dado que a *internet* oferece muitas opções que tiram a atenção dos alunos e dificultam que eles leiam de forma crítica e desenvolvam reflexões acerca do que foi lido. No entanto, é importante lembrar que, independentemente dos desafios e oportunidades, a Literatura continua sendo uma forma importante de expressão cultural e uma ferramenta essencial para a formação de pensamento crítico e habilidades de

comunicação. A adaptação da Literatura à Era Digital é um desafio contínuo e também uma oportunidade de explorar novas formas de contar histórias, compartilhar ideias e desenvolver o senso crítico nos jovens leitores.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. **A crítica literária e o ensino da literatura na era digital**. *Literatura e Sociedade*, v. 22, n. 24, p. 125-135, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/l/article/view/144258>>. Acesso em: 07 mar. 2023.

ABREU, R. S.; NICOLACI, C.; Maria A. **Internet: um novo desafio para os educadores**. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 13, p. 27-40, 2003.

BARROCO, J. A. **As bibliotecas escolares e a formação de leitores**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2004.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, A. (2002). **O direito à literatura**. In *Vários escritos* (pp. 211-219). São Paulo: Duas Cidades, p. 211.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, M. C. **A Literatura no ensino secundário: do que se ensina ao que se avalia**. Uma análise das provas de exame do 12º ano. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2012

FRANCO, R. A literatura na era digital. **Impulso**, Piracicaba, v. 23, n.57, p.61-77, 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/1787>>. Acesso em: 07 mar. 2023.

FRYE, N. **A imaginação educada**. Tradução por Adriel Teixeira, Bruno Gerardine e Cristiano Gomes. São Paulo: Vide Editorial, 2017.

GAL, M. B. de S. S. *et al.* O papel do professor na era digital: Desafios e transformações. **Revista BTecLE**, v.4, n.1, p.268–283. 2021. Disponível em: <<https://revista.cbtecle.com.br/CBTecLE/article/view/229>>. Acesso em: 07 mar. 2023.

KIRCHOF, E. R. Como ler os textos literários na era da cultura digital? **Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 47, p. 203-228, Jan./jun. 2016

LEAHY-DIOS, C. **Educação literária como metáfora social**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004

LIMA, R. Literatura na era do digital. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 28, p.237-264, 2010. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/167>>. Acesso

em: 07 mar. 2023.

MACHADO, A. C. A. da S.; LEITE, Carlinda M. F. A. F.; MONTEIRO, A. M. R. As tecnologias digitais na literatura acadêmica da educação de adultos. **LaPlage em Revista**, v. 5, n. 2, p. 86-102, 2019.

MARTINS, I. **Leitura e literatura na escola: encontros e desencontros**. In: PG letras 30 Anos –O Caminho se Faz Caminhando. Anais... Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2007. p. 514-527.

MELÃO, D. H. M. R. Ler na era digital: os desafios da comunicação em rede e a (re)construção da(s) literacia(s). **Exedra**, nº 3, p.75-90, 2010.

MELO, I. M. **Da Poesia ao desenvolvimento da competência literária: propostas metodológicas e didáticas para o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa nos 1.º e 2.º ciclos do ensino básico**. Tese (Doutoramento em Estudos da Criança). Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2011.

PINHEIRO, A. S. O Ensino de Literatura: A questão do letramento literário. In: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO Alexandra Santos; LEAL Rosa Myriam Avellaneda. **Leitura e Escrita na América Latina: Teoria e prática de letramento(s)**. Mato Grosso: Editora UFGD, 2011, p.37-57.

PINHEIRO, A. S. **Pela promoção do ensino de Literatura: uma política para o professor leitor**. Ensaio do Fascículo da **Revista Pesquisas em Discurso Pedagógico**, nº 6, 2009. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=13931@1>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

PIRES, A. C. da C.; MATSUDA, A. A. Formação do leitor: dificuldades e desafios. **Revista Práticas de Linguagem**, v. 3, n. 2, p.187-202, 2013.

RODRIGUES, A. L. Dificuldades, Constrangimentos e Desafios na Integração das Tecnologias Digitais no Processo de Formação de Professores. In: **Aprendizagem Online, Atas do III Congresso Internacional das TIC na Educação (ticEDUCA2014)**, p.838-846, novembro 2014, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/34340>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

SILVA, A. C. B. A literatura na Era Digital. In: **XII Congresso Internacional da ABRALIC**, Curitiba, jul. 2011. Disponível em: <<https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC1118-1.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2023.

SILVA, B. J.; ARAÚJO, A. L. O ensino da Literatura na Era digital. In: **XIII EVIDOSOL e X CILTEC-Online**, jun. 2016. Disponível em: <<http://evidosol.textolivres.org/papers/2016/upload/160.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2023.

SILVA, I. M. M. **Ensino de literatura na era digital: Conexões ilimitadas com o**

DOSSIÊ “INTERFACES DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS”

REVELLI, Vol. 15. 2023.

ISSN 1984-6576.

E-202318

20

ReaderResponse Criticism. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n. 7, p.49235-49250, jul. 2020. Disponível em:
<<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/13623/11413>>. Acesso em: 07 mar. 2023.

SILVA, M. **Literatura e experiência de vida**: novas abordagens no Ensino de Literatura. *Nau Literária: crítica e teoria de literaturas*, v. 6 n. 2, p. 1-10, 2010.

SILVA, R. N. **Nas redes do romance**: A literatura na era digital e a formação do leitor literário. 2015. 165f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de PósGraduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/18314>>. Acesso em: 07 mar. 2023.

TODOROV, T. **A literatura em perigo Todorov**. Tradução por Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. 96p.

VIEIRA, A. **Formação de leitores de Literatura na escola brasileira**: caminhadas e labirintos. *Cadernos de Pesquisa*, v. 38, n. 134, p. 441-458, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742008000200009>

ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino de literatura**. Curitiba-PR: Ibpex, 2010.

ZILBERMAN, R. Literatura, escola e leitura. *In*: SANTOS, J. F.; OLIVEIRA, L. E. (Org.). **Literatura & ensino**. Maceió: EDUFAL, 2008. p. 45-60.